

ESTUDOS FONÉTICOS: DIFICULDADES E NECESSIDADES DO PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA DA REDE PÚBLICA DE DOURADOS NO QUE SE REFERE À PRONÚNCIA

Otilia Aparecida Tupan Schoenherr (UEMS)

Resumo

Esta pesquisa objetivou conhecer as dificuldades e respectivas necessidades dos professores de língua inglesa do ensino público de Dourados no que se refere à pronúncia. Hipotetizou-se que conhecimentos fonéticos e o uso da transcrição fonética interferem na *performance* do professor de Língua Inglesa e que são instrumentos necessários. Investigou-se como resolvem as dúvidas de pronúncia do dia a dia, a relação entre tranquilidade/estresse do professor ao preparar aula de pronúncia, o nível de conhecimento do Alfabeto Fonético Internacional e se usavam a transcrição fonética na solução de dúvidas de pronúncia. Foi realizada pesquisa de campo entre os professores de língua inglesa e os dados coletados através da aplicação de questionário aos 57 professores envolvendo 25 escolas. Constatou-se que a pronúncia é a etapa do preparo de aula que causa ansiedade em mais professores, que o professor recorre mais à transcrição fonética do que a outros instrumentos, que a maioria deles já tirou dúvidas de pronúncia através da transcrição fonética, independentemente dela ocorrer na sala de aula ou fora dela e que a maioria tem pouco conhecimento do IPA. Os dados nos fazem inferir que o IPA é um instrumento que pode interferir na *performance* do professor de inglês, melhorando-a.

Palavras-chave: Transcrição fonética. Pronúncia. Instrumento.

1. Introdução

Em encontro da área de Letras, durante uma apresentação de *papers* por alunos de várias cidades do País, presenciei depoimentos em que os estudantes mencionavam a aprendizagem equivocada da pronúncia da língua inglesa. Faziam um breve relato, no qual deixavam claro o despreparo dos professores da Educação Básica para exercer tal função e registravam que esse quadro, provavelmente não só da cidade deles, deveria ser revisto. Sabe-se que atualmente a língua inglesa não mais pertence a um país; que ela tornou-se uma língua falada internacionalmente e que, portanto, há de haver variantes em sua pronúncia; e que o maior objetivo deste idioma global é a comunicação. No entanto, a questão acima mencionada, e que fez surgir esta pesquisa, provocou preocupação e desconforto.

Esta pesquisa objetivou conhecer e avaliar as dificuldades e respectivas necessidades que os professores de língua inglesa do ensino público de Dourados têm no que se refere à pronúncia deste idioma. Para atingir esta meta, investigou-se como esses professores resolvem as dúvidas de pronúncia do dia a dia, a relação entre tranquilidade/estresse do professor ao ensinar pronúncia, o nível de conhecimento do Alfabeto Fonético Internacional e o uso da transcrição fonética na solução de dúvidas de pronúncia por acreditar que conhecimentos fonéticos e o uso da transcrição fonética interferem na *performance* do professor de Língua Inglesa no que se refere à pronúncia e que ambos são instrumentos necessários para o professor de língua inglesa.

Justifico a relevância desta pesquisa com a história acadêmica de David Crystal e John

An. Sciencult	Paranaíba	v. 2	n. 1	p. 301-306	2010
---------------	-----------	------	------	------------	------

Wells. David Crystal, entrevistado por Roger Bowers, menciona seu primeiro encontro com Quirk, no qual é questionado: “*Well how can you expect to do English if you can't write things down as they are being said? So if you're interested in English you'd better get over to Gimson in the Phonetics Department and learn about phonetic transcription*” (ELT JOURNAL, 1998, p. 146, grifo nosso). E foi o que Crystal fez: estudou fonética com outro companheiro de classe, John Wells. Foram alunos de Gimson e O'Connor por dois anos.

Piotr Cymbalista e Grzegorz A. Kleparski, ambos da *Universidade de Rzeszów*, apresentaram o trabalho: *Teaching vocabulary inevitably implies teaching pronunciation and hence elements of phonetic transcription (at any level)*, na Segunda Conferência patrocinada pelo Conselho Britânico, realizada na Polônia em 2002. Reforçam também a importância da transcrição fonética no ensino/aprendizagem de línguas.

2. A Grafia não implica a pronúncia

De acordo com Baugh e Cable, (2001, p. 2), o idioma inglês é classificado como uma língua Germânica. Isto é, pertence ao grupo de línguas ao qual o alemão, holandês, dinamarquês, sueco e norueguês também pertencem. Ele tem com estas línguas similaridades gramaticais e muitas palavras em comum. O inglês também compartilha grande número de palavras com as línguas européias que são derivadas do latim, notadamente do francês, italiano, espanhol e português. Isso quer dizer que o inglês apresenta familiaridade com as línguas germânicas e romanas.

Segundo Cecil Wyld (1906, p. 88-89), no Governo de Rei Alfredo, que aliás “... *was no less admirable in peace than in war...*”, inicia-se a prosa inglesa. Ele próprio faz traduções de obras e registros gráficos da literatura inglesa, assim como incentiva outros a seguirem seu exemplo. Ele ressalta ainda que, quando uma língua é registrada pela primeira vez, a escrita será tão próxima de ser fonética quanto o conjunto de símbolos que os escritores tem ao seu dispor permitir. Com certeza o escritor não usará o mesmo símbolo para expressar sons diferentes, a não ser que haja poucos símbolos para expressar os sons. É também certo que o homem não iniciou um sistema registrando símbolos que não expressam nenhum som, como ocorre no Inglês Moderno, em que o *gh* da palavra *bright* não tem nenhum som.

Now, when the habit of composing words in a language and of writing them down becomes frequent, two results necessarily follow: One is that a fixed system of spelling, which practically every one adopts, becomes established; the other[...] (CECIL WYLD, 1906, p. 88, grifo nosso).

Mas suponhamos que o sistema escrito da língua inglesa tenha ficado sem mudar por vários séculos e que os povos continuaram escrevendo como seus ancestrais escreviam há séculos. E suponhamos também que a pronúncia tenha mudado, o que certamente ocorreu com o inglês; com isso, a escrita deixou de ser fonética. No inglês antigo (*old English*), desde os remotos anos de 1080, os símbolos provavelmente não eram adequados para expressar a pronúncia. Além disso, embora a escrita de cada época fosse razoavelmente fixa, de tempos em tempos, mudanças de pronúncias muito importantes aconteciam; o sistema de registro então era gradualmente adaptado para registrar estas mudanças. Este processo de adaptação da escrita da língua inglesa, para adequar-se à pronúncia, continuou até logo após 1475, ano da introdução da imprensa. Desde então, poucas mudanças na escrita têm acontecido, embora a pronúncia tenha continuado a mudar. Por isso, a escrita deste idioma é bastante insatisfatória.

No que se refere ao ensino da pronúncia da língua inglesa, acreditou-se que este

An. Sciencult	Paranaíba	v. 2	n. 1	p. 301-306	2010
---------------	-----------	------	------	------------	------

ensino visava a total erradicação dos traços do sotaque estrangeiro, o foco era no som específico. Acreditou-se também que o ensino da pronúncia para adultos é infrutífero, pois os aprendizes mais velhos têm dificuldades em aprender certos sons da língua estrangeira. A consequência deste pensar é que o estudo da pronúncia foi quase que abandonado. É fato que o adulto quase sempre tem sotaque ao falar uma língua estrangeira, ao passo que a criança, quando exposta à segunda língua desde os anos iniciais, quase sempre tem a pronúncia de um *native speaker* (GODY; GONTOW; MARCELINO, 2006, p.17-18).

É importante esclarecer que esta pesquisa não se preocupa com o sotaque dos aprendizes de uma segunda língua, visto que:

An accent is something that everybody, EVERYBODY has, whether they like it or not. It represents your roots and your history. You may have a native or a foreign accent. A native accent can be broken down into sub-accent: British, American, Jamaican, Australian, Scottish, etc. (GODY; GONTOW; MARCELINO, 2006, p. 20).

O que este trabalho se propõe é destacar a importância do ensino da pronúncia, do Alfabeto Fonético Internacional e da transcrição fonética para o futuro professor de Língua inglesa como forma de se evitar distorções de pronúncia desta língua. Nesta perspectiva, sugere-se o conhecimento dos símbolos fonéticos; e hipotetiza-se que conhecimentos fonéticos e o uso da transcrição fonética interferem na *performance* do professor de Língua Inglesa no que se refere à pronúncia, tornando-se instrumentos necessários para o professor de língua inglesa, que promovem sua autonomia.

Questiona-se, dada a complexidade da pronúncia da língua inglesa, se mesmo o falante nativo ocasionalmente usa o dicionário para verificar sua pronúncia, por que o brasileiro, em alguns casos, nem conhece o Alfabeto Fonético Internacional (IPA)? Observa-se que os bons dicionários de inglês têm a indicação da pronúncia, enquanto os dicionários em português não. A língua portuguesa tem boa relação entre a escrita e a pronúncia; ela é mais previsível, tornando desnecessária a transcrição fonética. É comum conseguirmos pronunciar uma palavra portuguesa mesmo sem conhecermos seu significado; porém, quando o idioma é o inglês, podemos até saber o significado da palavra pelo contexto, mas poderemos ter dificuldade com sua pronúncia, visto aquela relação não ocorre, a escrita não implica a pronúncia.

3. Fonologia, transcrição fonética e (IPA) International Phonetic Alphabet

Brinton (2000, p. 17), ao discorrer sobre a fonologia da língua inglesa, comenta que “*phonetic is the study of speech sound in general.*” E “*...phonology, the study of speech sounds in a particular language.*” Ela lembra que, num estudo sobre o sistema sonoro de uma língua, o primeiro passo a se realizar é a distinção entre a fala e a escrita. A fala é temporariamente anterior à história da humanidade e também à história do indivíduo. A fala existe há milênios, antes mesmo de o sistema escrito ser inventado. Aprendemos a falar sem esforço, mas precisamos nos esforçar para aprender a escrever.

A escrita é frequentemente um meio imperfeito de representar a fala. No que se refere à língua inglesa, as conhecidas incongruências entre a escrita e respectivo registro ortográfico são óbvias. Observe as seguintes discrepâncias:

- um som / ɪ / pode ser representado por uma variedade de letras, como o som da vogal em *meat*, *meet*, *city*, *key*, *ceilling*, *people*, *niece*, *evil*, e *quay*;

An. Sciencult	Paranaíba	v. 2	n. 1	p. 301-306	2010
---------------	-----------	------	------	------------	------

- uma letra pode representar uma variedade de sons, como em *damage*, *educate* e *picked*;

-uma ou mais letras podem não representar nenhum som, com em *knee*, *gnat*, *lamb*, *receipt*, *right*, *honor*, *rhyme*, *psalm* e *salmon*;

- duas ou mais letras podem representar um simples som, como em *throne*, *chain*, *edge*, *shore*, *nation*, *itch*, *inn*, *school*, *eat*, *friend*, *too*, *leopard*, *cause*, *blood* e *lieutenant*;

-uma letra pode indicar a qualidade de um som vizinho, com em *dinner* / dɪnɪr/ x *diner* / daɪnɪr/, visto que a duplicidade ou não do n indica a qualidade da vogal precedente; ou em *dine* / daɪnɪ/ x *din* / dɪn/, em que a presença ou ausência do e final determina a qualidade da vogal precedente;

-uma simples letra pode representar dois ou mais sons, como em *box* (x = ks); e

-alguns sons não têm representação gráfica, como nos sons iniciais nas palavras *universe*, *one*.

Brinton (2000, p. 18) afirma que o sistema ortográfico da língua inglesa é claramente inadequado para o estudo dos sons da fala. Precisou-se, portanto, de um sistema que registrasse os sons no qual um símbolo escrito represente somente um som da fala e que, da mesma forma, um som seja representado por um e somente um símbolo escrito. Para atender a esta demanda, o (IPA) *International Phonetic Alphabet* – Alfabeto Fonético Internacional foi inventado, em 1888, e revisado em 1989. Ele foi baseado principalmente no Alfabeto Romano, com alguns símbolos de outro sistema escrito como também de alguns símbolos inventados e de marcas acrescentadas aos símbolos chamados *diacritics*. Ao registro dos sons de uma língua usando o *IPA* nomearam “transcrição”.

Há 26 letras no alfabeto inglês, mas há 44 sons na língua inglesa. Isto significa que o número de sons em uma palavra não é o mesmo que o número de letras. Se nós escrevermos as palavras usando símbolos fonéticos, poderemos ver exatamente quantos sons ela tem. E, para escrevermos os símbolos fonéticos, usamos o Alfabeto Fonético Internacional, ou *International Phonetic Alphabet* – IPA. Os símbolos fonéticos usados na transcrição tornam o leitor capaz de ler e transcrever palavras e sentenças (*Pronunciation sound and spelling - bbclearningenglish.com*)

4. Apresentação dos dados

Os dados apresentados a seguir foram coletados num *corpus* que envolveu 11 escolas municipais e 20 professores; 14 escolas estaduais e 37 professores; totalizando 25 escolas e 57 professores.¹

De posse das informações coletadas entre os professores de língua inglesa de escolas públicas municipais e estaduais de Dourados, confirmou-se que a etapa de preparo de aula de língua inglesa que provoca ansiedade em mais professores é a pronúncia, pois a maioria (45,6%) escolheu a opção pronúncia.

Tradução	13
Escrita	11
Gramática	12
Pronúncia	26
Nenhuma	06

¹ No questionário, era possível ao professor escolher mais de uma opção.

Pode-se verificar que, em caso de dúvida de pronúncia, os professores recorrem com mais freqüência à transcrição fonética em dicionários, pois se constatou, nas questões de múltiplas escolhas, que 80,7% responderam transcrição fonética.

Gravação em CD	23
Fita cassete	02
Transcrição fonética em dicionários	46
Outros	10

Quando a dúvida de pronúncia surge na sala de aula, a grande maioria recorre à transcrição fonética. Registraram-se 84,2 % na opção transcrição fonética; enquanto os outros optam em trazer a resposta na próxima aula .

Transcrição fonética em dicionário	48
Traz a resposta na aula seguinte	12
Nunca aconteceu	02
Já preparou antes	

Observa-se que 82,4% dos professores que participaram desta pesquisa já tiraram dúvidas de pronúncia através da transcrição fonética, e que somente 17,5% não fizeram ainda uso deste instrumento.

Questionados sobre o nível de conhecimento que detêm sobre o IPA, 68,4% disseram conhecer pouco, 22,8% conhecem completamente, 7,0% não conhecem e um professor disse conhecer mais que pouco e menos que completamente, atingindo 80% de conhecimento do IPA.

Quanto ao local onde estudaram o IPA, 54,3% informaram na Universidade, 38,5% aprenderam em escolas de idiomas, 15,7% em congressos, eventos, cursos de extensão, 3,5% em escola privada e um professor aprendeu por interesse próprio.

Considerações finais

Como visto, a escrita da língua inglesa não corresponde à sua pronúncia. Pode se observar que a pronúncia é uma das etapas da preparação da aula de inglês que causa ansiedade em mais professores e que, apesar de todos os recursos tecnológicos existentes, o professor ainda recorre com mais freqüência à transcrição fonética.

Constata-se ainda que a maioria dos professores que participaram desta pesquisa já tirou dúvidas de pronúncia através da transcrição fonética, independentemente dela ocorrer na sala de aula ou fora dela. Apesar de usarem o IPA, a maioria deles declarou ter pouco conhecimento.

Enfim, os resultados levantados neste trabalho nos conduzem à confirmação da hipótese desta pesquisa, a qual registra que conhecimentos fonéticos e o uso da transcrição fonética interferem na *performance* do professor de Língua Inglesa no que se refere à pronúncia e que são a chave para uma pronúncia com menos distorções.

Fato que comprova sua utilidade e nos faz inferir que o IPA é um instrumento necessário para o professor e conseqüentemente para sua *performance*. Cabe-nos ponderar que, se existe dificuldade, é preciso instrumentalizá-los para que possam sanar suas dificuldades com mais conforto e menos ansiedade.

Referências

- BAUGH, Albert C.; CABLE, Thomas A. *A History of the English Language*. 4. ed. Pennsylvania: Routledge, 2001.
- BRINTON, Laurel J. *The structure of Modern English: a linguistic introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2000. 333p.
- CECIL WYLD, Henry. *The Growth of English*. London: Billing and Sons, 1906.
- CYMBALISTA, Piotr; KLEPARSKI, Grzegorz A. *Teaching vocabulary inevitably implies teaching pronunciation and hence elements of phonetic transcription (at any level)*. Report on the Second British Council sponsored conference held on 7-8 of April 2002. Disponível em: <http://www.univ.rzeszow.pl/fil_ang/usal2//sar_v2_22.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2007.
- ELT JOURNAL. *Talking shop: Roger Bowers in conversation with David Crystal*. v. 52/2, p. 146-153, Apr. 1998. Disponível em: <[ELT Journal Online. www.eltj.oxford.journal.org](http://www.eltj.oxford.journal.org)>. Acesso em: 14 dez. 2007.
- FRASER, Helen. *Helping teachers help students with pronunciation: A cognitive approach*. University of New England. Disponível em: <<http://www-personal.une.edu.au/~hfraser/documents/FRASER%20PROSPECT%20FINAL%204.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2007.
- GODOY, Sonia; GONTOW, Cris; MARCELINO, Marcello. *English pronunciation for Brazilians: the sounds of American English*. São Paulo: Disal, 2006. 287 p.
- _____. Are you a pronunciation wiz? *New Routes*, São Paulo, n. 31, p. 14-18, Jan. 2007.
- LINTUNEN, Pekka. *Phonemic Transcription and its Effect on Learning*. University of Turku, Finland. 2005. Disponível em: <<http://www.phon.ucl.ac.uk/home/johnm/ptlc2005/pdf/ptlc30.Pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2007.
- SCHUMACHER, Cristina; ZANETTINI, Marta; WHITE Philip. *Guia de pronúncia do inglês para brasileiros*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002. 246p.
- WELLS, John. *Goals in teaching English pronunciation*. 2005. Disponível em: <http://www.phon.ucl.ac.uk/home/wells/poznan03_wells.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2007.
- _____. *Why phonetic transcription is important?* 1996. Disponível em: <<http://www.phon.ucl.ac.uk/home/wells/whytranscription.htm>>. Acesso em: 13 dez. 2007.